

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

MOVIMENTOS DE “SAQUES” NO MUNICÍPIO DE SOLEDADE EM 1983-1993.

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA
2007.

MOVIMENTOS DE “SAQUES” NO MUNICÍPIO DE SOLEDADE EM 1983-1993.

Monografia apresentada em cumprimento às exigências de conclusão do Curso de Licenciatura em História, da Universidade Federal de Campina Grande-PB.

GLADSTONE CARNEIRO DA SILVA

VI

MOVIMENTOS DE “SAQUES” NO MUNICÍPIO DE SOLEDADE EM 1983-1993.

Aprovada em ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha - Orientador

Prof. Dr. José Benjamin Montenegro

Prof. Dr. Roberval da Silva Santiago



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA

A minha mãe Lúcia, que muitas vezes passou noites sem dormir.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Gervácio Batista Aranha, pelos ensinamentos e, sobretudo, pela paciência que teve em me orientar durante a elaboração deste trabalho.

À prof.^a Maria de Fátima Arruda, pelo incentivo às minhas atividades profissionais e o apoio recebido nos momentos mais difíceis.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a conclusão desta monografia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I: Aspectos sócio-históricos e geoambientais do Município de Soledade.....	10
CAPÍTULO II: Movimentos de “saques” no Município de Soledade-PB (1983-1993)	17
CAPÍTULO III: O meio rural e as experiências vivenciadas no cotidiano: “novas perspectivas no desenvolvimento sustentável”	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
ANEXOS.....	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade cumprir um dos requisitos para conclusão do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande.

Nosso principal objetivo é analisar as principais motivações que proporcionaram o desencadeamento dos saques no município de Soledade entre aos anos de 1983 a 1993, bem como as razões que os trabalhadores não se valeram do mesmo recurso nos anos subseqüentes.

Foram utilizadas múltiplas fontes para realização deste trabalho. Podemos citar as entrevistas, fotografias ¹, documentários de época ², artigos de jornais ³.

Para realização das entrevistas e obtenção de imagens fotográficas foram feitas pesquisas de campo, nos deslocando para vários pontos da área rural do município. A outra parte das pesquisas foi realizada durante noites no arquivo do SEDHIR-CH da Universidade Federal de Campina Grande com a companhia e solidariedade do Sr. Wellington que na maioria das vezes nos incentivou muito.

¹ Embora de extrema importância para demonstração dos saques, não foi possível encontrar fotos do momento em que eles foram realizados.

² Encontrado nos arquivos do Senhor Valdir de Sousa, na cidade de Soledade.

³ Consultamos o Diário da Borborema, Jornal da Paraíba, arquivados no SEDHIR-CH.

Quanto as nossas preocupações teóricas, nos aproximamos da História Social, nos termos de Thompson, cuja lição acerca da História “vista de baixo” tem tudo a ver com este trabalho, em especial com o capítulo II que contém informações sobre os saques. Também nos aproximamos de Michel de Certeau cujas teses sobre o homem ordinário (comum) constrói o cotidiano com o uso de táticas e estratégias.

Este trabalho é composto por três capítulos. O primeiro é descritivo, mostra alguns os históricos e econômicos do município de Soledade. Logo tem uma preocupação de informar e situar o leitor sobre essas questões básicas.

No segundo capítulo, tivemos a preocupação de analisar os principais motivos que proporcionaram o desencadeamento dos saques no município de Soledade-PB, uma vez que nos anos de 1983 e 1993, devido a sérios problemas de estiagem, os trabalhadores rurais disponibilizaram desse recurso de extrema recorrência.

No terceiro capítulo, tivemos a preocupação de estudar as práticas vividas no cotidiano do meio rural, àqueles que possibilitam através de suas próprias experiências, táticas e saberes empíricos desenvolver tecnologias simples para melhorar as condições de vida em harmonia com o meio ambiente natural.

Levando em consideração as dificuldades que enfrentamos e de se fazer uma micro-história, procurei, na medida do possível, transmitir ao leitor o conhecimento que adquiri da forma mais clara possível.

CAPÍTULO I

ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E GEOAMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE SOLEDADE

Na segunda metade do século XIX, epidemias e males endêmicos assolaram a Paraíba, agravando a saúde e estigmatizando suas vítimas. Nesse período consta-se que o cólera morbus de origem do Gôngens, com o caráter maligno, foi a que mais se destacou, causando medo e desespero na população da província⁴.

O surto de cólera morbus também assolou a região que hoje é denominada de Cariri Oriental e Ocidental. O terrível mal endêmico causou medo, desespero e dor nas famílias da comunidade de São Francisco onde hoje se encontra a cidade de Olivedos, distante a 20 km de Soledade. As filas enormes de cadáveres fluíam em direção ao único campo-santo, construído em 1763.

O Padre Ibiapina (1806-1883), em uma de suas missões apostólicas no interior da província, especialmente do Brejo ao Seridó, teve a preocupação em benzer um pedaço de terra, fundando um cemitério para enterrar as vítimas do cólera morbus⁵. Esse acontecimento contribuiu para o processo de formação da cidade de Soledade. “Malhada das Areias”, conhecida também como Malhada Vermelha faz parte do núcleo que deu origem ao município de Soledade. Essa área fazia parte das terras da fazenda de João Gouveia de Souza, área compreendida desde o Riacho do Padre tendo início a partir do

⁴ O, Alarcon Angra do. At. al “Relatos de males: notas acerca dos modos de adoecer na Paraíba Imperial”. In. A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural. João Pessoa, Idéia. 2003. p. 12.

⁵ PINTO, Irineu F. Datas e Notas para história da Paraíba. II ed. p.251.

sítio Olho D'água do Tapuia até barras das vacas. João José de Miranda e João de Gouveia, netos de um dos primeiros proprietários doaram parte das terras para construção de uma capela. Entretanto, no mesmo local o Pe. Ibiapina edificou uma pequena capela que posteriormente ocupou todo espaço do cemitério formando a atual paróquia de Soledade. Para permanência temporária do Pe. Ibiapina no lugar, vieram fazendeiros de regiões próximas, sendo que os primeiros proprietários trouxeram famílias e se agregaram no lugarejo com preocupação em ajudar o padre na construção do cemitério e posteriormente uma capela que proporcionou a origem de Soledade.

O Pe. Manoel Ubaldo da Costa Ramos, coadjutor da paróquia de São João do Cariri, celebrou no ano de 1866 a primeira missa na vila, hoje denominada Soledade, no dia 25 de dezembro. O primeiro nome sugerido pelo missionário Padre Ibiapina foi Solidão, entretanto, sob consulta popular chegaram a um acordo mudando pela palavra sinônima, Soledade.

Em 1879, através da Lei Provincial nº. 682, foi criado o distrito de Soledade que, posteriormente, em 1885, elevou-se a categoria de Vila dando origem ao Município. No mesmo ano, Soledade foi sede da comarca, classificada por Decreto nº. 528. O município de São Francisco, hoje denominado Olivedos foi distrito de Soledade em 1911. Através do Decreto-lei estadual nº. 1010, de 30 de março de 1938 pertencia a Soledade: "Juazeirinho, Santo Antonio (hoje Seridó) e São Francisco". Pelo Decreto-lei estadual nº. 1164 de 15 de novembro de 1938, Soledade passou a ser Município de Juazeirinho com o nome de Ibiapinópolis, com a Lei nº. 520, de 31 de dezembro de 1943. Entretanto, a lei não foi aceita pela comunidade, e o município voltou a sua denominação anterior⁶.

Atualmente o município de Soledade está situado na região geográfica do Planalto da Borborema com uma altitude de 521 metros acima do nível do mar. Fazendo parte da

⁶ Do livro Malhada das Areias Brancas. Inocêncio Nóbrega Filho, p. 13/29.

mesorregião do agreste, o município ocupa uma área de 634,4 Km² na microrregião do Curimataú Ocidental no Estado da Paraíba. Geograficamente, sua localização pode ser representada pelos limites: Norte – o município de São Vicente e Olivedos; Sul – Gurjão; Leste – Pocinhos e Boa Vista; e Oeste – Juazeirinho⁷.

O município de Soledade está incluído na região semi-árida do Nordeste brasileiro identificada pela EX-SUDENE (Superintendência Nacional do Desenvolvimento do Nordeste), como zona do “Polígono das secas”⁸. Com um clima quente e seco, Soledade apresenta uniformidade climática com temperaturas que oscilam entre 20° e 38°, associado ao baixo índice de chuvas uma vez que a média pluviométrica anual é 320,44 mm, existindo precipitações pluviométricas. O período chuvoso denominado pelo homem do campo como “inverno”, uma vez que, nem sempre coincide com a estação, que compreende-se entre os meses de janeiro e abril⁹.

É importante destacar o quanto a Caatinga (palavra indígena que significa mata branca) ocupa toda área do município, caracterizada através de arbustos entre árvores de baixo porte (ver foto ao lado) como o marmeleiro, a catingueira e alguns cactos como xiquexique e mandacaru que precisam de pouca água para continuar vivos.



Foto 1: Vegetação da Caatinga

No mês de agosto, em pleno período de estiagem, as árvores perdem as folhas. No inverno, a vegetação nativa do município passa por um processo de mudança uma vez que as árvores começam a brotar e o colorido da mata fica por conta das flores amarelas das catingueiras, caibreiras, juazeiros e outras. O ecossistema da caatinga apresenta uma

⁷ Em 1951, através da Lei nº. 1348, o governo federal delimitou a chamada área do “Polígono das Secas” com uma dimensão de 950.000 km², que equivale a mais da metade do território nordestino.

⁸ RODRIGUES, Lins Janete (Coord). Situando e Localizando o Estado da Paraíba – João Pessoa: Grafset, 2002, p. 15.

⁹ ANDRADE, Manoel Correia de. O Nordeste: Região e Contraste – São Paulo: Contexto, 1998, p. 321.

diversidade notável que ao longo dos anos vem pouco a pouco desaparecendo. Esses aspectos vem despertando o homem do campo para desenvolver novos métodos junto à criação de animais. Esse é um dos motivos que nos deu subsídios para escrever o terceiro capítulo.

A população do município de Soledade atua nas mais diversas ocupações. Há pessoas que trabalham na agropecuária de subsistência voltada para o cultivo do milho, feijão, fava, mandioca e palma forrageira; além de gado leiteiro, caprino, ovino, avícola e suíno. Outras se dedicam a atividades ligadas a indústria e ao comércio. Entretanto, grande parte das pessoas trabalham nas repartições públicas municipal e estadual. É importante ressaltar que os aposentados representam uma significativa contribuição para o desenvolvimento do comércio no município. A localização geográfica, associada as rodovias existentes, proporcionam o acesso aos demais municípios circunvizinhos e outras regiões.

O município de Soledade acabou sendo privilegiado por ser cortado pela BR 230 e Rede Ferroviária. Esses fatos são de fundamental importância para o desenvolvimento econômico municipal uma vez que a BR possibilita a geração



Foto 2: Rodovia BR 230

de emprego e renda através do comércio e serviços relacionados ao setor de alimentos. Constata-se que o setor de alimentos é o ramo de atividades que mais emprega boa parte da população local. Essas atividades são vistas nos bares, mercadinhos, restaurantes, lanchonetes e outros. São influenciadas pelo fato da cidade ser o ponto de parada dos ônibus que fazem o percurso da capital ao interior do Estado da Paraíba.

No que diz respeito ao setor industrial, em 1998, havia, segundo a SAELPA, 19 ligações industriais no município com um consumo médio de 76,6 MWH. Entretanto,

comparado com a média estadual (110,4 MWH), esse consumo foi elevado. Certamente isso foi influenciado pela presença de várias unidades produtivas do setor de mineração. De acordo com o cadastro industrial do Estado, em 1997 Soledade contava com 14 unidades industriais, sendo que seis estavam ligadas ao setor de mineração. Essas são unidades que absorvem número significativo de trabalhadores.

Historicamente o algodão, durante muito tempo, ocupou um lugar de destaque na agricultura do município. Porém, desde a década de 80, quando se instalou a praga do bicudo, encontra-se com o cultivo bastante reduzido. Apenas 67 hectares estão ocupados com essa cultura. O cultivo do sisal também se encontra em declínio, com apenas 20 hectares explorado.

Embora as atividades agropecuárias apresentem limitações ao seu desenvolvimento, em período chuvoso, ainda são extremamente importantes do ponto de vista de geração de renda para o município. Em 1995/1996, a agropecuária ocupava 1.605 pessoas. Do total de pessoas ocupadas, mais de dois terços (1046 trabalhadores) são do sexo masculino. É importante ressaltar a importância da pequena propriedade rural para a geração de emprego no município. Atualmente, 66,2% das pessoas ocupadas na agropecuária do município são absorvidas em áreas com até 100 hectares, segundo dados do IBGE de 96.

Os dados sobre o emprego rural ganham maior relevância quando se compara aos dados do emprego no setor urbano da economia do município. De acordo com as informações adquiridas pela ARCONSULT, em 1998 o total de emprego urbano se encontrava na ordem de 572 pessoas, assim distribuídas: 285 no comércio, 37 no setor de serviços e 250 na indústria.

Já o IDEME – Anuário Estatístico da Paraíba, a situação de precariedade das condições econômicas do município é evidenciada pelo baixo nível de renda média

familiar, que oscila entre 1 a 3 salários mínimos. Sendo 40,3% entre 0 e 1 salário e os demais acima de 3 salários mínimos. Nesse sentido, em decorrência das condições naturais e da dinâmica da atividade econômica que comanda o processo de estruturação do município, tem-se uma baixa concentração de renda da população ¹⁰.

No início do ano 2000, ainda prevalecia no município as políticas assistenciais de doações de cestas básicas para as comunidades carentes (ver foto ao lado). Nesse período, problemas estruturais de desemprego e o alto preço dos alimentos preocupavam as comunidades carentes no meio rural e urbano.



Foto 3: Pessoas carentes recebendo cestas básicas

A partir de 2003, algumas famílias, tanto da cidade quanto do campo, passaram a ser beneficiadas pelo programa de segurança alimentar do Governo Federal – FOME ZERO ¹¹ – Inicialmente, o programa destinava-se as famílias mesmo não tendo filhos. Cada família beneficiada recebia R\$ 50,00 por mês. Nesse sentido, os recursos enviados para cada família não correspondia seus direitos. Posteriormente, as famílias necessitadas passaram a ser beneficiadas com o Programa Bolsa Família.

A criação do Bolsa Família proporcionou a integração do Fome Zero. Representa, portanto, a unificação do Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Cartão Alimentação e o auxílio gás. É importante destacar que mesmo com a criação do programa Bolsa Família, muitas famílias carentes ainda não foram beneficiadas.

Um outro programa que beneficia as famílias das zonas rurais é o Seguro Safra. Constata-se que as famílias que não conseguem 60% de produção na agricultura têm direito a receber R\$ 110,00 durante cinco meses, mas, se não houver chuvas, esse tempo é

¹⁰ GUIMARÃES, Ana Virginia Rocha de Almeida. Aspectos do município de Soledade. João Pessoa, 2001.

¹¹ Revista: BRASIL um país de todos. Governo Federal. Ano 2, nº. 4. p. 28/29.

prolongado. Para algumas famílias, esse dinheiro não é suficiente para sobreviver, mas juntando com o Bolsa Família, a Bolsa Escola para quem tem filhos matriculados e o salário de alguns aposentados, o Seguro Safra, representa um papel significativo na vida das famílias rurais, entretanto não é suficiente para sobreviver.

Só quem recebe o Seguro Safra é quem não tem renda (...) Eu passei muito tempo sem receber. O Seguro Safra é pra quem não lucra (...) não tem tempo certo pra terminar, se chuvê acaba (...) eu recebo 190 por causa da bolsa escola. É pouco, mas ajuda muito¹².

¹² Entrevista concedida ao autor por Marizangela Cunha Serafim, na Comunidade Livramento. Em 09 de março de 2007.

CAPÍTULO II

MOVIMENTOS DE “SAQUES” NO MUNICÍPIO DE SOLEDADE

(1983-1993)

Em julho de 1978, um estudo realizado através do Instituto de Atividade Aeroespacial (CTA), órgão do Ministério da Aeronáutica constatou um sombrio prognóstico do clima no Nordeste, que despertou os governadores da região. O documento produzido pelos meteorologistas Carlos Girardi e Luiz Teixeira, mostrou que o Nordeste, entre 1979 e 1985 ficaria marcado por uma das piores secas de sua história. Carlos Girardi ressaltou que a seca atingiu nesse longo período 1,4 milhões de metros quadrados, afetando 21 milhões de pessoas. Ainda segundo os meteorologistas, nesse período não foi registrado nenhuma estação chuvosa regular. O estudioso explicitou que poucos acreditavam na eficiência da pesquisa, mostrando previsões para 7 anos. No entanto, o ministro do interior da época, Mário Andreazza, e o superintendente da Sudene, Walfredo Salmito Filho, se posicionaram a favor dos estudos ¹³. O flagelo alastrou-se por uma área de 1 milhão de quilômetros quadrados, equivalente a 63% do território nordestino onde estavam situados 1.419 municípios dentro do perímetro do Polígono das Secas ¹⁴.

Em 1983, o núcleo da mais intensa seca do período, o discurso jornalístico alertou o mundo para existência do Nordeste brasileiro. Cidades na Itália e na Região Sul do Brasil demonstraram seus atos de solidariedade e mandaram alimentos para famintos da seca, passando a imagem de um quadro sombrio da situação econômica e social do nosso povo

¹³ PREVISÃO Acertada. VEJA, janeiro de 1983.

¹⁴ SÓ AS VERBAS combatem as secas. VEJA, março de 1983, p. 3.

que sofre com os problemas de desemprego e as tragédias “da seca”¹⁵. Nesse período, o município de Soledade também esteve incluído nesse quadro de fome, miséria e desemprego. De acordo com relatos de Valdo Bezerra de Albuquerque, (agricultor na Comunidade Livramento), no município, a seca não é o problema mais grave. A imprensa teve a preocupação em apenas mostrar o gado morrendo, a vegetação seca, homens, mulheres famintas, passando a imagem de que o problema existente é natural. Na verdade, a seca agravou o quadro sombrio da nossa região. Percebe-se que nesse período o homem do campo tinha consciência de que poucas famílias necessitadas se beneficiavam com a ajuda governamental, uma vez que, o entrevistado demonstra ter consciência de práticas que lembre a “indústria da seca”.

*No tempo de seca o que agente ouve no rádio, na televisão é bicho com fome, porque não tem comer pros bichos (...) Muita gente se aproveita da seca (...) os políticos, os donos de carro pipa e quem vende ração cara pros bicho*¹⁶.

No início dos anos 80 as expectativas e as esperanças do pequeno produtor rural se renovou. No dia 19 de março, dia de São José, de acordo com a tradição popular que chovendo neste dia é sinal de que o ano será bom de inverno e a colheita é abundante. No entanto, as chuvas não vieram e os reflexos da estiagem afetaram diretamente os produtores rurais que plantavam para sua subsistência. Além disso, a estiagem proporcionou uma elevação dos preços dos gêneros alimentícios comercializados na feira livre municipal, contribuindo para o aumento da situação de fome e miséria em alguns moradores rurais e urbanos. Nesse sentido, constata-se que grupos de pequenos produtores rurais, vaqueiros do município se juntavam em dia de feira se mobilizando para entrar em ação. As passeatas nas ruas causavam tensão e medo aos moradores da cidade. Era uma estratégia que eles utilizavam para demonstrar a situação do município para as pessoas da

¹⁵ A FOME e a miséria. Diário da Borborema, Campina Grande 14 de outubro, 1983.

¹⁶ Entrevista concedida ao autor por Valdo Bezerra de Albuquerque. Em 15 de agosto de 2006.

cidade, com a possibilidade de repercutir lá fora na imprensa perante as autoridades governamentais. Em frente à prefeitura, a multidão, como forma de pressionar as autoridades, tentava negociar com o prefeito, visando uma alternativa política diante das condições de vida que se encontravam os pequenos agricultores e desempregados. Os jornais da época, mostram, comentam como os movimentos dos saques vinham ocorrendo em toda região do cariri ¹⁷.

Em 1981, através do esforço pessoal do Sr. João Bosco da Silva que governou o município em período compreendido entre 1977-1981, o município foi beneficiado por recursos federais que possibilitou a construção do mercado público municipal. Dois anos após sua inauguração (1983), o mercado tornou-se palco das ações da multidão revoltada devido à situação de fome e desemprego que se encontrava a região do cariri e curimataú.

Por volta de 1983, as autoridades do município tentavam se mobilizar na tentativa de conseguir frentes de emergência, sendo que para as pessoas era chamada de “cachorra magra”. Iniciou-se o alistamento nas frentes de trabalho renovando um “laço afetivo” entre as lideranças locais e o homem do campo que, através de um ritual de glorificação de paternalismo, tanto por parte da Igreja como dos poderes políticos, uma vez que os pequenos produtores e desempregados enfrentavam filas enormes para receber um saco de comida para matar a fome. Com essas ações, ao mesmo tempo em que se evitava às revoltas populares, colocava em risco, na visão das autoridades, a ordem social, uma vez que as ações dos retirantes da seca geravam um clima geral de intranqüilidade na população local.

Entre 1983 e 1993, o município de Soledade ficou marcado por imagens assustadoras. Em dias de feira livre de Soledade, nos anos de estiagem, levadas de trabalhadores vinham de outros municípios “castigados pela seca” e se juntavam com

¹⁷ Diário da Borborema, 2 de agosto de 1983. p. 1.

pequenos agricultores, vaqueiros e desempregados urbanos em frente à Prefeitura, e como uma forma de ação prévia, tentavam falar com o poder público para tomar providências necessárias. A presença da multidão na cidade representava para os poderes públicos, a comunidade local e os comerciantes um clima de “tensão e medo”.

Como é de tradição, a feira livre de Soledade é realizada semanalmente. Os trabalhadores rurais se encontram e através de uma sociabilidade em pequenos bares, barracas, esquinas, etc. dentro do mercado trocam idéias, discutem sobre política, agropecuária, os preços dos gêneros alimentícios e assuntos sobre o cotidiano.

Compreende-se que o mercado público em dia de feira livre, na década de 80-90, representava para os poderes públicos um lugar de revoltas populares, indisciplina. Portanto, era de responsabilidade da polícia exercer uma vigilância intensiva como forma de normatizar, ameaçando punir aqueles que fugissem dos parâmetros da lei. Para a polícia, a feira era um lugar extremamente perigoso porque o encontro dos trabalhadores rurais proporcionava o desencadeamento das ações dos saques. Com finalidade de conter essas ações, a polícia controlava os movimentos dos aglomerados de pessoas.

Mesmo com toda a vigilância intensiva, em 1983, a feira livre de Soledade foi atacada. Para as ações dos saques, os trabalhadores rurais não se estruturavam em nenhuma liderança sindical, partido político ou grupos religiosos. Os trabalhadores rurais se organizavam-se a partir de suas próprias idéias, formando suas próprias estratégias. As articulações criadas pelos camponeses dificultava a ação da polícia no sentido de conter os saques, criando um clima de tensão na comunidade local.

Em 1983, grande parte da população rural e desempregados urbanos estavam ameaçados pela fome. O descontentamento da população rural em situação limite de sobrevivência tornava-se mais intenso. Nesse sentido, os camponeses se empenhavam ativamente em suas decisões frente a frente com os poderes públicos. Dessa forma, os

movimentos dos saques podem ser entendidos como um protesto social, um ato de resistência dirigido a quem de direito necessita do básico para a sobrevivência. De forma espontânea, a multidão invadia o mercado público do município demonstrando uma forma de resistência popular contra os poderes públicos da época¹⁸. Para os políticos da época, as ações dos saques eram compreendidas como uma ameaça constante à ordem pública. O prefeito da época, Marinaldo Castelo Branco Melo, em entrevista concedida ao autor relatou que pressionado pela população mobilizou-se para conter a situação.

Tive que entrar em contato com o Governador da época Burity (...) para ver se conseguia alguma coisa para conter a situação, alimentos, frentes de emergência (...) Em 1983 a situação do município tava cada vez mais se agravando com a seca. Na década de 80 houve dois ataques na feira semanal de Soledade. O primeiro em 1983 e o outro em 1987. Vários fatores contribuíram para ações dos saques, porém, os mais importantes, posso citar a seca, a fome e uma motivação política¹⁹.

Em outubro do mesmo ano os jornais noticiaram as ondas de saques nas cidades atingidas pela seca e a fome. No entanto, mesmo com as notícias nos jornais e os comentários em Soledade, os comerciantes continuavam vendendo seus produtos como se nada tivesse acontecendo. Temendo os saques, os merceeiros tanto do município quanto dos municípios vizinhos, se preocupavam em levar poucos gêneros alimentícios para vender na feira. Em consequência disso e a escassez de alimentos, houve a elevação dos preços dos gêneros alimentícios. Esse fator, contribuiu para o aumento do desespero e a revolta da população rural ameaçadas pela fome. Como forma de pressionar o poder público municipal, os emergenciados se juntavam em frente a Prefeitura como já foi citado anteriormente, para encontrar soluções.

¹⁸ RUDE George. Os Rostos da Multidão. Rio de Janeiro: Campos, 1981.

¹⁹ Entrevista concedida por Marinaldo Castelo Branco Melo. Em 23 de setembro de 2006.

Constata-se que os políticos, se apropriando da situação, negavam sua solidariedade no momento, dando a entender que estavam tomando as providências junto com o governo do Estado. Entretanto, não apontavam nenhuma solução de imediato aumentando, ainda mais a revolta dos agricultores.

Na cidade, sou comerciante desde 1976. Em 83, os ataque na fera causava medo a população (...). No saque tinha pessoa correndo pra todo lado, a agonia era grande (...) Além da seca, naquele tempo tinha muita gente desempregada (...) a falta de chuva causava desespero a população rural e os pequenos agricultores não suportavam ver os filhos morrendo de fome. A única solução era procurar o Prefeito. Nem sempre encontrava (...) ficava em frente a Prefeitura gritando: "Se o prefeito não aparecer vamos atacar a feira (...) Os políticos falava que ia resolver a situação, mas demorava tomar as providencias"²⁰.

Nas ações, os trabalhadores rurais tinham a concepção de que era o dever do poder público municipal cumprirem o que eles prometiam em campanhas eleitorais que era garantir melhores condições de trabalho e de sobrevivência, independente do tempo e do espaço. Em outubro de 83, as proporções alarmantes das ondas de saques, os depósitos de alimentos espalhou-se em toda micro-região atingida pela seca que há cinco anos não possibilitava o trabalho regular dos homens do campo no cultivo das terras. Dessa forma, os jornais mostram que os problemas causados pela seca e a situação de fome e miséria, no Nordeste, repercutiam em outras regiões do Brasil.

Está assumindo as proporções alarmantes a onda de assaltos aos depósitos de alimentos no Nordeste (...) a explicação é que há cinco anos a seca não permite o cultivo da terra (...). A fome está assolando o povo e os campos, e o povo do Sul nos mandam comboios de alimento"²¹.

Nessa perspectiva, constata-se que o município de Soledade não ficou de fora dos movimentos dos saques. Segundo o prefeito da época, o Sr. Marinaldo Castelo Branco

²⁰ Entrevista concedida ao autor por José Pedro da Costa, em 22 de setembro de 2006.

²¹ Diário da Borborema, Campina Grande, 02 de outubro de 1983.

Melo, os ataques na feira livre de Soledade não se caracterizava apenas a partir da situação limite de sobrevivência que se encontrava o município, mas através de uma motivação política contrária ao poder público municipal. Ele se justifica a partir da forma como foi realizado o ataque em 1983. Para o prefeito citado, os principais alvos dos ataques dentro do mercado público municipal foram as mercearias do seu pai, o Sr. Isidoro Melo (Joaquim de Melo – nome popular) e de merceeiros amigos do prefeito. Pressionado, o prefeito da cidade decretou estado de emergência no município com preocupação em conseguir recursos com o governo estadual da época, o Sr. Wilson Braga.

Nos anos 80 houve dois ataques. O primeiro em 83 e o outro em 87: a seca é uma motivação política contrária. Justificativa o mini-box do meu pai e de alguns amigos meus foram os primeiros a serem atacados, principalmente por pessoas da periferia da cidade (...). Na seca, os agricultores não queriam ver seus filhos passarem fome, por isso, eram obrigados a atacar. Para resolver a situação, entrei em contato com o Dr. Olavo Wallendref e a CODECIPA e consegui 50 toneladas de alimento, mantendo o homem do campo até a chegada do inverno²².

Temendo um novo ataque, este prefeito teve a preocupação em entrar em contato com o prefeito de Soledade do Rio Grande do Sul, o Dr. Olavo Wallendref e a CODECIPA (Companhia de Defesa Civil da Paraíba) para conseguir 50 toneladas de gêneros alimentícios, amenizando a situação que se encontrava o município, mantendo os trabalhadores em suas pequenas propriedades rurais até a chegada do período chuvoso. Uma vez que no início dos anos 80 o índice da inflação era elevado e a população rural e urbana não tinha nenhuma renda complementar do Governo Federal.

Em 83 a feira não foi atacada só pelos agricultores, no meio tinha pessoas do Alto São José (...) Naquele tempo não tinha o programa do governo Fome Zero, tudo era difíci. Além disso a inflação era alta (...) Na emergência nem todo mundo se alistava, os que tinha necessidade. Os que

²² Entrevista concedida ao autor por Marinaldo Castelo Branco Melo. Em 23 de setembro de 2006.

*trabalhava não era satisfeito com o atraso do pagamento (...) o feijão e a farinha que vinha do governo as vezes era estragado*²³.

Impulsionados pelas consequências da crise econômica que se encontrava o Brasil, desemprego, fome e miséria que se encontrava em grande parte do Sertão Nordeste, os poderes públicos Federais e estaduais criaram frentes de emergência mandando alistados para trabalhar sem um plano de obra. Mas, no Município de Soledade as frentes de emergência não contemplava a todos os necessitados. Os políticos da época já pensando em conseguir votos para as próximas eleições se aproveitavam da situação utilizando critérios sem fundamentos para indicar pessoas nas frentes de trabalho. Dessa forma, constatou-se que mesmo havendo a frente de trabalho as revoltas dos trabalhadores rurais e urbanos tornava-se cada vez mais intensa. Isso se explica através da forma inadequada de pagamento que além de atrasado vinha uma parte em dinheiro e outra em sextas básicas, o que era inadequada para o consumo humano devido o tempo quem ficava nos armazéns do governo.

Além disso, segundo os agricultores, havia um descontentamento dos trabalhadores contra os fiscais obras, que além de tratar os trabalhadores de forma inadequada, descontava no pagamento os dias não trabalhados dos que não justificava a falta em um dia de serviço.

*Naquele tempo tudo era difíci. Em tempo de seca, o governo mudava a emergência mas a revolta do povo continuava porque o pagamento atrasava. Mesmo como a emergência muita gente continuava desempregado (...) uma parte do pagamento era feito com distribuição de feira. O feijão não cozinhava e a farinha vinha estragada. Ninguém podia faltar um dia de serviço porque os fiscal descontava no pagamento. O pagamento vinha pagar a todos (...) o dinheiro das faltas ficava nas mãos dos fiscal*²⁴.

²³ Entrevista concedida ao autor por Jandir Xavier. Em 28 de agosto de 2006.

²⁴ Entrevista concedida ao autor por Valdemar Pereira. Em 28 de agosto de 2006.

Contudo, vários fatores citados anteriormente deram subsídios para o desencadeamento dos saques na feira livre em setembro de 83. Nesse sentido, é importante ressaltar esses fatores a partir de seus sentidos e significados. O primeiro está relacionado a idéia de como os políticos definiam os ataques na feira livre de Soledade. Segundo o representante do poder público da época, Marinaldo Castelo Branco Melo, os movimentos dos saques podem ser explicados a partir dos fenômenos naturais (a seca), que conseqüentemente, causavam a fome e o desemprego que se encontrava no município em conseqüência da situação econômica no Brasil no início dos anos 80.

*Em 83, os trabalhadores por momentos de incertezas, além da fome em conseqüência da seca, havia muita gente desempregada na zona urbana. O que aconteceu foi uma conseqüência lógica da crise econômica no Brasil*²⁵.

Os movimentos dos saques em Soledade podem ser entendidos como um protesto popular ao poder público. Os trabalhadores rurais de opinião que o dever dos políticos era cumprir o que eles prometiam durante o período eleitoral, tendo conseqüência de que o papel do poder público é, portanto, garantir melhores condições de sobrevivência independente do período eleitoral ou não. Os movimentos dos saques também são entendidos como uma resistência a forma de trabalho e pagamento aos trabalhadores da frente de emergência.

Entretanto, outro aspecto diferencia os ataques na feira livre de Soledade dos demais ataques na feira livre de cidades vizinhas. Essa afirmação pode ser compreendida a partir de uma flexibilidade sobre as motivações dos saques em outros municípios mostrado pela imprensa, comparando-os com os fatores que caracterizaram os saques no município de Soledade. Enquanto que os saques nos municípios circunvizinhos ocorreram por conseqüência da seca e da fome, em Soledade os saques podem ser entendidos como uma

²⁵ Entrevista concedida ao autor por Marinaldo Castelo Branco Melo. Em 23 de setembro de 2006.

resistência popular aos Poderes Públicos e um protesto social contra os comerciantes locais.

No início dos anos 80, em período de estiagem, era de costume os donos de bodegas, mercadinhos ou mercearias venderem fiado com os preços elevados, os gêneros alimentícios. Em 83, ano de extrema pobreza, as possibilidades dos trabalhadores pagarem aos comerciantes eram mínimas. Para os comerciantes as esperanças em receberem era o pagamento da emergência, enviada através do governador da época Wilson Leite Braga e o dinheiro que os trabalhadores rurais que não conseguiam vagas nas frentes de trabalho, arrecadavam com a venda de carvão vegetal.

O meu estabelecimento comercial, o maior que tinha na época, perto do portão principal do mercado público, foi o primeiro a ser atacado (...) eu não sei o por quê? Mesmo com poucas esperanças em receber, eu e outros comerciantes vendia fiado. Só nos restava esperar pelo pagamento da emergência que sempre atrasava. Alguns agricultores vendiam carvão, mas o dinheiro que eles recebiam não dava pra pagar as mercearias²⁶.

O dinheiro do pagamento da emergência não era suficiente para pagar as dívidas nas bodegas e nas mercearias. Em consequência da inflação, o índice dos preços era muito elevado. Dessa forma, os trabalhadores demonstravam resistência contra o alto índice dos preços comprando a dinheiro em dia de feira livre no caminhão baú da COBAL (Companhia Brasileira de Alimentos) uma vez que os preços dos gêneros alimentícios eram mais em conta. Essa situação causou um descontentamento aos comerciantes, entrando em ação imediatamente para evitar os prejuízos. Nesse sentido, grande parte dos comerciantes mesmo não tendo certeza avisavam aos funcionários da COBAL que os trabalhadores em consequência da seca e da fome se organizavam para atacar a feira. Com essa perspectiva, temendo os ataques, os funcionários da COBAL retiravam o caminhão da

²⁶ Entrevista concedida ao autor por José Pedro da Costa, em 15 de setembro de 2006.

cidade. Dessa forma, os trabalhadores revoltados com a atitude dos comerciantes, entram em desespero, demonstrando motivações plausíveis na situação de fome, atacam a feira como forma de protesto contra os comerciantes.

Em 83, quem morava nos sítios e não era alistado na cachorra maga, vendia caivão. Eu também vendia e o dinheiro só dava pra pagar a bodega. Quando não dava pra pagar os trabalhador da “cachorra maga” fazia a feira no caminhão da COBAL por que era mais barato (...) os dono de mercadim vendia fiado mas era tudo caro. Os dono de mercadim e bodega se sentia prejudicado com a atitude dos trabalhador que em vez de pagar no mercadim ia comprá na COBAL. ...os comerciante inventava aos funcionário da COBAL que a feira ia ser atacada. Nisso, a COBAL saia da cidade e o povo se revoltou contra os comerciante. Depois de tomar umas bicada de cana me juntei com os trabalhador da “cachorra maga” e seguimo pro mercado. De repente só vi a estraladeira, quebra-quebra. Eu ainda consegui pegar um mei saco de feijão, mas quando lucrei fui devolvê (...) ²⁷.

O mercado público municipal é um lugar onde os trabalhadores se deparam com os preços dos gêneros alimentícios. E através desses encontros os trabalhadores rurais articulavam os saques na feira livre. Além da feira, nos locais de trabalho nas frentes de emergência o descontentamento, contra o poder público municipal aumentava. Nessa perspectiva, os movimentos dos saques no município de Soledade se desencadearam de forma efetiva cuja ocorrência pode ser demonstrada através das relações humanas como forma de resistência a situação de calamidade. Esse acontecimento pode ser explicado através de Thompson. O autor define a luta de classe não apenas a partir de uma perspectiva econômica e política, mas, também, através dos aspectos culturais. As camadas populares resistem à classe dominante, e os dominados tentam manter sua concepção de mundo e impõe ao dominante que o aceite sua cultura. As ações dos trabalhadores nos motins por subsistência são compreendidas como manifestações “subpolíticas”. Essas manifestações ocorrem a partir das experiências do auto-fazer-se nas ações sociais,

²⁷ Entrevista concedida por Luiz Ângelo Teodósio de Oliveira, em 01 de outubro de 2006.

associado à idéia de emancipação coletiva. Nesse sentido, a experiência pode ser definida como a capacidade que os trabalhadores têm de praticar e agir não só através de uma perspectiva econômica, mas política e cultural.

Portanto, é refletindo sobre suas ações que os trabalhadores constroem sua própria consciência firmando-se como classe. A consciência é compreendida como organização de categorias não vindas “de fora”, mas constituídas historicamente quando os resultados das experiências se articulam entre os grupos.

Dentro de uma dimensão da história social, as manifestações ocorrem de forma espontânea a partir de uma cultura de resistência popular.

Thompson traz uma reflexão da ética e da moral. O autor mostra que as classes populares, uma vez exploradas, resistem e a resistência também ocorre em consequência de uma economia moral. Na Inglaterra do século XVIII, em épocas de escassez de alimentos e preços altos, os trabalhadores acreditavam que suas ações coletivas se justificavam pelo fato de a comunidade através de sua concepção sentia que as práticas de mercado justas ou de economia moral tinham sido violadas. Essa concepção comunitária não apenas induzia as ações, mas também influenciava as formas existentes de comportamento nos movimentos sociais²⁸.

Em dias de feira livre os merceeiros da cidade e os que vinham de outros municípios traziam poucos gêneros alimentícios para vender na feira. Esse fator proporcionou a elevação dos preços, aumentando o descontentamento da população rural do município.

A feira livre no mercado público municipal de Soledade pode ser definido como um lugar muito especial. É um lugar que possibilita não apenas a comercialização de mercadorias, a relação do homem do campo com a cidade, mas também, proporciona entre

²⁸ THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa (A árvore da liberdade), vol. I. Ed. Paz e Terra. São Paulo, 1987. pg. 9, 81.

os trabalhadores rurais uma forma de socialização. Nesses encontros, o homem do campo dialoga e troca idéias sobre vários assuntos, dentre eles, as eleições, o futebol, relacionamento amoroso, críticas sobre o modelo econômico do governo e, principalmente, as experiências adquiridas no cotidiano do campo, na tentativa de encontrar meios necessários que facilite a sobrevivência nos períodos de estiagem, uma vez que o Município está localizado no semi-árido brasileiro.

Em março de 1987 as possibilidades de lucro no município de Soledade estavam escassas. Os agricultores tinham apenas esperanças em colher suas sementes, porém, isso não foi possível.

Preocupado com a situação de fome e miséria que se encontrava no cariri e Curimataú paraibano, o Governador do Estado Tarcísio de Miranda Burity junto com a ex-SUDENE, decretou estado de emergência nas microrregiões atingidas pela estiagem prolongada²⁹. A única forma de minimizar o sofrimento do homem do campo era evitar os saques na região. Para isso. Era necessário enviar as frentes de emergência, uma vez que a situação das famílias, principalmente no campo, era da mais extrema necessidade.

As dificuldades nos sítios existia, mas os “ataques” na feira não ocorreu por causa da fome (...) junto dos agricultores tinha pessoas da cidade que entrava no meio dos saques e pegava roupas, panelas e até mesmo brinquedo para criança, lamparina (...) quando os políticos tomava as providências já era tarde. Antes de atacar a feira a multidão se juntava em frente a prefeitura e como não conseguia falar com o prefeito, que era Marinaldo (...) os banco de carne, as mercearia, as bodega dentro e fora do mercado foi os primeiro a ser atacado (...) Luiz Ângelo era considerado um dos líder que influenciava o povo³⁰.

Observa-se na citação acima que os alvos principais dos saques eram os açougues e as mercearias dentro e fora do mercado público. Isso justifica que a fome e a escassez de

²⁹ Diário da Borborema. Campina Grande, 19 de maio de 1987, p. 6.

³⁰ Entrevista concedida ao autor por João Ângelo Teodósio. Em 01 de outubro de 2006.

alimentos eram um dos motivos, mas não o único. Nesse sentido, esse fato pode ser compreendido como estratégias utilizadas pelos trabalhadores para desorientar o pensamento dos comerciantes e dos feirantes, como forma de justificar os saques. Os trabalhadores tinham a consciência que a quantidade de gêneros alimentícios não era suficiente para alimentar seus filhos até a chegada do inverno e do pagamento das “frentes de emergência”. É importante ressaltar que os agricultores tinham a consciência de que os saques também podiam agravar a situação dos vendedores ambulantes que trabalhavam para manter a sobrevivência de seus filhos.

Em 1987, os agricultores sofreram com a seca, mas o sofrimento foi menor do que em 1983 (...) No ano de 1987, a CODECIPA e os programas do Governo estavam mais organizados (...) Tive dificuldade de governar o município e conseguir recursos para conter a situação porque estava na oposição ao Governador do estado. Uma das soluções era recorrer a SUDENE para atender a população com carros pipas (...) Procurei formas para conseguir cestas básicas para distribuir para os necessitados ³¹.

Em 1987, os trabalhadores rurais enfrentam mais um período de estiagem. No entanto, o poder público municipal se depara com menos dificuldades do que no ano de 1983, segundo o representante do poder público municipal da época, Marinaldo Castelo Branco, a CODECIPA tinha outra estrutura e os programas de alimentos do governo tinham outra organização e, por isso, atendia maior quantidade de necessitados. Para minimizar a situação, o poder público recorreu a ex SUDENE. Antes que a situação se agravasse e repercutisse a nível estadual o prefeito do Município tenta entrar em contato com os representantes do Governo do Estado para conseguir alimentos.

Em 1993, os movimentos dos saques mais uma vez ficou marcado na memória da população rural e urbana do Município de Soledade.

³¹ Entrevista concedida ao autor por Marinaldo Castelo Branco Melo. Em 23 de setembro de 2006.

Os reflexos da estiagem (Foto: 3) são sentidos no cotidiano do homem do campo e da cidade. A falta de chuvas incidiu diretamente na plantação do milho e feijão, gêneros alimentícios que fazem parte da subsistência das famílias rurais.

No período chuvoso, após a colheita, os trabalhadores rurais têm o costume de guardar suas sementes em silos de zinco para alimentar suas famílias durante o período de estiagem, no entanto, isso não foi possível no ano de 1993. A estiagem



Foto 4: Açude de Soledade no período da estiagem

proporcionou a elevação dos preços dos gêneros alimentícios de subsistência, tornando cada vez mais difícil a vida da população rural, uma vez que naquele ano não havia os programas de assistência às famílias, por parte do Governo Federal. Esses aspectos contribuíram para tornar o desespero das famílias rurais e desempregados urbanos mais intenso.

Em 93 as pessoas que morava nos sitio, enfrentava dificuldade com a seca (...) Tudo era caro. Feijão, milho, a farinha (...) O feijão o milho dos silos já tinha acabado (...) muita gente trabalhava na “cachorra maga” (...) muita gente não conseguia se alista, tinha poca vaga (...) Pra compretá o pagamento já fazia bem três mês atrasado. Se o caba não tinha dinheiro pra pagá na buodega, no mercadim (...) naquele tempo tudo era difíci (...) as pessoa tentava fala com prefeito na frente da prefeitura gritano vamo atacar a fêra! Com Zé Catinguera na frente o “mato abre e fecha”! Como não conseguia fala com o prefeito a mutidão sai andano ligero pro meicado (...) no saque as pessoa levava farinha, feijão, rapadura, tripa, figo – miúdo (...) a puliça não chegava nem perto, ficava de longe olhano³²

³² Entrevista concedida ao autor por João Ângelo Teodósio. Em 1º de outubro de 2006.

Para conter ou minimizar a situação, o poder público municipal representado pelo Sr. Claudino Egídio de Assis Ramos que governou o município, tenta tomar providências urgentes. Segundo Claudino, na época os recursos que vinham do Governo Federal não eram suficientes para atender a comunidade carente. Forra necessário que o Poder Público Municipal junto ao Governo Federal, conseguisse recursos para distribuição de



“cestas básicas” e a implantação das “Frentes de Trabalho” (Foto 5, acima). Constata-se



Foto 6: Distribuição de cestas básicas em período de estiagem

que os critérios estabelecidos para o processo de alistamento na frente de trabalho e distribuição de cestas básicas não contemplava a todos. Em consequência desses fatores, no mês de março, os trabalhadores rurais e urbanos tentaram invadir o prédio da Prefeitura como estratégias para sensibilizar a população local e o Poder Público

Municipal, demonstrando a situação limite de extrema necessidade que se encontrava o município. A ação só não foi concretizada porque o Poder Público Municipal agiu para conter a situação distribuindo cestas básicas para os necessitados.

(...) em Soledade, dezenas de agricultores tentaram invadir a Prefeitura a procura de comida ... somente às 10:00 h o Prefeito decidiu distribuir alimentos de primeira necessidade³³.

Como já foi citado anteriormente, a “frente de trabalho” não contemplava os necessitados. Entretanto, nos locais de trabalho (geralmente barragens e barreiros) era

³³ Jornal da Paraíba. Campina Grande 23 de março de 1993.

possível encontrar mulheres que deixavam suas casas e, ao lado dos seus filhos, trabalhavam sobre a intensa temperatura do clima sem a menor preocupação dos fiscais. Com todo esse sofrimento os trabalhadores da emergência tinham esperanças de receber o pagamento para assim poder pagar os comerciantes e, posteriormente, fazer a feira de alimentos de primeira necessidade. No entanto, isso não foi possível.

Em 1993, houve um saque. Eu fazia parte da comissão que formava o Sindicato Rural de Soledade. A comissão era responsável para efetuar o pagamento da emergência. (...) um dos membros da comissão se deslocou até a cidade de João Pessoa para pegar os contracheques. O mesmo não retornou a Soledade no dia determinado para efetuar o pagamento que já completava sessenta dias de atraso (...) No campo já não havia outra forma de se viver porque a escassez de alimentos e água não permitia o homem do campo criar galinhas, cabras ou ovelhas. (...) Cícero Irineu, morador do sítio Cardeiro, homem de estatura forte vendo sua família passar necessidades demonstrou com lágrimas sua angústia diante de tanta tristeza (...) posso afirmar que um dos motivos dos saques foi justamente o atraso do pagamento da emergência³⁴.

De acordo com os relatos concedido por José Valdir de Sousa, Presidente da comissão que formava o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município, os movimentos dos saques em 1993 estiveram extremamente relacionados ao atraso do pagamento da “Frente de trabalho”. Ele justifica afirmando que um dos representantes da comissão (A.M.) se deslocou até a cidade de João Pessoa com a finalidade de buscar os contracheques para efetuar o pagamento da “Frente de trabalho”. Em consequência da demora em retornar a Soledade, não foi possível efetuar o pagamento, aumentando o descontentamento dos trabalhadores emergenciados.

O saque na feira aconteceu em 1993. Como dirigente municipal enfrentei dificuldades para governar o município por consequência da seca. Tive que tomar providências urgente para minimizar a situação que se encontrava o município, uma vez que nessa época os programas de

³⁴ Entrevista concedida ao autor por José Waldir de Sousa. Em 09 de janeiro de 2007.

governo não era bem estruturados como nos dias de hoje (...) os recursos que vinham do Governo Federal não era suficiente para atender a toda comunidade carente (...) Para segurar a população, a Prefeitura distribuiu cestas básicas que minimizou a situação por pouco tempo (...) O problema não era apenas alimentos, mas também a falta de água e por isso o gasto para abastecer o município através de carros-pipas me impedia de realizar outros benefícios para o município. Através do Governo Federal e estadual foi implantada a “Frente de trabalho”, mas os trabalhadores continuaram com a mesma necessidade, uma vez que o pagamento atrasou (...) Em 1993 os preços dos alimentos estavam muito alto (...) Os saques partiam da comunidade rural, mas grande parte dos trabalhadores envolvidos morava na área da periferia urbana, principalmente do bairro São José (...) o principal motivo dos saques acredito que foi o atraso do pagamento da emergência³⁵.

Partindo de uma análise reflexiva deste contexto histórico, dentro da dimensão da história social, os movimentos dos saques (1983-1993) pode ser compreendido não apenas através da situação limite de sobrevivência em consequência da escassez de alimentos, mas também a partir de um processo de resistência e protesto popular contra o Poder Público municipal e os comerciantes.

Esse processo muda a partir do momento em que os desempregados urbanos se unem com os camponeses necessitados. Na confusão dos saques, eles tentavam se apropriar das mercadorias expostas na feira livre. Essa mudança se dá através da ênfase nos objetivos dos saques, uma vez que enquanto os camponeses saqueiam a feira demonstrando a luta pela sobrevivência e seus direitos, os oportunistas se aproveitam da situação para se beneficiar materialmente e, ganhar resultados pessoais das negociações do Poder Público municipal.

Para o Poder Público municipal, os movimentos dos saques foram vistos como ações que proporcionavam graves consequências, uma vez que, os mesmos representavam não apenas uma ameaça ao Poder Público municipal mas também, para toda comunidade

³⁵ Entrevista concedida ao autor por Claudino Egídio Ramos. Em 17 de novembro de 2006.

local. Dessa forma, para o Poder Público era preciso encontrar formas para impedir os “saques” e portanto evitar que as consequências tivessem uma repercussão negativa em outras regiões do país. Se apropriando da “Frente de trabalho” enviada pelo Governo Federal, o Poder Público Municipal tenta manter os trabalhadores rurais em seus locais de trabalho uma vez que os saques representavam uma ameaça ao sistema de governo local. Além disso, com a ameaça de invasão de “saque”, o poder publico municipal respondia com atitudes paternalistas. Como já foi citado anteriormente, havia distribuição de cestas básicas para conter a situação de extrema necessidade dos trabalhadores da “Frente de Emergência” e ao mesmo tempo evitava o desencadeamento das ações violentas que podia por em risco as bases da ordem social fundamentada a partir das providências exercidas pelo Poder Público municipal.

Para os trabalhadores rurais a consolidação de uma tradição nas formas de pressão e negociação da multidão é compreendida como forma de organização possível no contexto social, afirmando-se como uma alternativa política diante das condições limites de sobrevivência em período de estiagem em que a escassez de alimentos tomou proporções radicais. Nos movimentos dos “saques”, os trabalhadores desconfiavam das organizações definidas pelas instituições e por isso agiam em seus próprios espaços, de forma momentânea.

Mesmo de forma momentânea, os movimentos dos “saques” pode ser compreendido a partir de uma dimensão política uma vez que os trabalhadores demonstravam em suas lutas que são capazes de alcançarem sua consciência de classe e portanto não estariam presos a uma racionalidade determinada pelas condições naturais. Contudo, as ações dos saques representam uma manifestação de luta de classe. Isso se explica a partir da idéia de que nos saques os trabalhadores lutam pelos seus direitos econômicos, culturais e políticos que dão subsídios para fortalecer as relações de poder.

Além disso, os trabalhadores demonstraram um descontentamento com o Poder Público municipal relacionado a ineficiência nas decisões políticas e não como forma de atentar contra os políticos mas porque tinham a concepção de que através de suas lutas eles conseguiriam o que necessitavam para viver³⁶.

³⁶ NEVES, Frederico de Castro. A Multidão que se movimenta e a “negociação”. IN a Multidão e a História. p. 161, 231.

CAPÍTULO III

O MEIO RURAL E AS EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NO COTIDIANO: “NOVAS PERSPECTIVAS NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”.

Viver no semi-árido nordestino não é fácil. Este capítulo mostra como as experiências vivenciadas no cotidiano rural de comunidades do município de Soledade, através de tecnologias simples em sua maior parte levadas a efeito por iniciativa das próprias comunidades, possibilitam os trabalhadores rurais reinventarem suas práticas cotidianas no tocante aos problemas das freqüentes estiagens, melhorando assim suas condições de sobrevivência.

Como já foi citado anteriormente, as comunidades rurais do município de Soledade sofrem em consequência da escassez de alimentos para subsistência humana e para os animais. Os programas governamentais pouco priorizaram as comunidades carentes do campo. Em algumas ações políticas ainda prevalece a idéia de que “é dando que se recebe”. O abastecimento de água pode ser visto pelos políticos como uma questão significativa. No pensamento dos políticos uma comunidade beneficiada por carros pipas ficaria devendo favor e, portanto, essa comunidade deveria recompensar através do voto no período de eleições. Durante muito tempo, não havia reservatório adequado e o abastecimento d’água nas comunidades rurais era feito de forma precária.

Antes tudo era difíci (...) Na seca agente ia pegar água longe, num jumento e quatro barris (...) No poço, nas cacimbas, nos barreiros a água não dava pro gado beber (...) As água era butada de carro pipa no barreiro, ficava

barrenta agente só bibia porque era o jeito, não tinha outra (...) A água também era butada na cisterna da capela, mas não dava pra ninguém... tudo que eles faziam nos sítios já era pensano em voto (...) muita gente votava. Hoje tudo mudou o caba que tem um dinheiro quando não chove, bota um carro d'agua na cisterna e dá pra passar dois, três mês.

37

Fatores importantes que mais preocupam os “pequenos” produtores rurais estão relacionados ao processo de produção de alimentos não apenas de subsistência humana, mas também para os animais. No município, a criação de animais apresenta-se bastante diversificada. É comum encontrar em terreiros das residências de algumas comunidades rurais, galinhas caipira, guinês, perus, etc. Nas capoeiras (áreas de criação denominadas pelo homem do campo), constata-se criações de caprinos, ovinos e bovinos.

Durante muito tempo, as famílias rurais criavam os animais de forma extensiva. O gado, as ovelhas e cabras se alimentavam da vegetação nativa. Na década de quarenta e cinquenta era possível encontrar em muitas residências famílias constituídas por doze a quatorze pessoas, incluindo pais e filhos. Como as terras foram divididas para os filhos e posteriormente para outras famílias, hoje esses números são bem menores. Nesse sentido a criação de animais tornou-se cada vez mais difícil uma vez que após as divisões das terras, os novos proprietários passaram a criar animais em áreas cercadas. A criação de animais no município passou a ser intensiva, com número maior de criadores em áreas menores. Parte da vegetação nativa diminuiu. Com isso, houve a necessidade dos agricultores plantarem a palma forrageira para alimentar os animais junto com pastagens industrializadas.

Casei em 1934. deus me deu força para criar meus filhos (...) Naquele tempo, quem se casava tinha muito filho, dez, quatorze (...) Hoje é diferente (...) Para viver naquele tempo tinha que plantar e criar. Tinha muita terra mas poca gente criava (...) No inverno todos tinha que ir pro roçado (...)

³⁷ Entrevista concedida ao autor por Renato Marques da Cunha. Em 31 de março de 2007.

*Plantava milho, feijão, jirimum. Plantava também algodão (...). Tinha moça que ficava em casa cuidando do almoço, outras ia também pro roçado (...). Naquele tempo era tudo aberto o gado era criado solto (...). Depois vendero tudo, os mais velho foram morreno e os herdero foi cada um ficano com pedaço de terra (...). Quem ficou morano nos sitio tinha que criar nem que seja uma galinha (...). Hoje pra criar é muito difíci, tem que comprar resido, torta, falero de trigo e plantar palma.*³⁸

Pensando nessas consequências no meio rural, os pequenos produtores procuram desenvolver tecnologias simples e inovadoras que possibilitem melhores condições de vida no campo em harmonia com o meio ambiente natural, em particular para enfrentar, a médio prazo, o problema das freqüentes estiagens que assolam a região.

Em 1943, o agricultor Manoel Apolônio deixou a terra natal, cidade de Jeremobó – Bahia, em busca de melhores condições de vida na Região Sul do Brasil. Chegando à grande Metrópole, São Paulo, o agricultor trabalhando como servente de pedreiro observou e aprendeu técnicas em construção de piscinas. Nesse processo, o agricultor idealizou e estudou possibilidades dessas técnicas serem utilizadas para construir cisternas de placas no Nordeste. Tendo em vista o sofrimento das comunidades rurais em período de estiagem, para o agricultor, sua idéia foi o ponto inicial que contribuiu para que houvesse uma mudança no cotidiano das comunidades rurais³⁹.

Já em 1993, as comunidades rurais do município de Soledade, junto com a A.S.A – Articulação no Semi-Árido; o PATAC – Programa de Ampliação de Tecnologia Apropriadas; a Paróquia; o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Associações Comunitárias desenvolveram através de seus saberes e experiências vivenciadas no cotidiano, experimentações e inovações que possibilitaram minimizar problemas existentes na área rural.

³⁸ Entrevista concedida ao autor por Manoel Amâncio da Cunha. Em 01 de abril de 2007.

³⁹ Ver documentário: Construindo cidadania no semi-árido brasileiro – Realização A.S.A.

Entre o homem do campo e a Igreja havia uma articulação que de forma coletiva, discutia novas formas de trabalho. Com o apoio da CARITAS, um instrumento da Igreja a nível mundial e ações comunitárias do Padre João Batista foram realizados, na zona rural, trabalhos como limpeza de barreiros e cacimbas. Para tanto, eles recebiam uma cesta básica e dinheiro. A compra de cesta básica era realizada em ação conjunta entre a Igreja e os pequenos agricultores (...) A região, tendo articulação com outras instituições ASA, PATAC, tinha a preocupação em propor uma política educacional, comprando semente para o plantio, na perspectiva de construir um banco de sementes que era um grande desafio para toda a região ⁴⁰.

No processo de socialização, as famílias rurais discutem e compartilham informações que são de fundamental importância para que eles possam se articular para desenvolver formas que permitem sua sobrevivência e permanência no campo.

Para Michel de Certeau o homem ordinário é o homem comum que através de iniciativas próprias, em suas “práticas” constrói seu cotidiano. Nesse sentido, o homem comum em seus usos de táticas desenvolvidas a partir de seus próprios saberes, organizam-se em seu próprio mundo na tentativa de desenvolver melhores condições de sobrevivência⁴¹.

Dessa forma, compreendendo o sentido da solidariedade no trabalho coletivo e tendo consciência da importância das cisternas de placas pré-moldadas, as famílias rurais se mobilizaram pra construir cisternas em suas



Foto 7: Cisterna de placas na comunidade rural do Arruda

comunidades. As idéias inovadoras partem das experiências das próprias famílias no campo. Apoiadas pelo programa denominado de Fundo Rotativo Solidário, que desempenha um papel extremamente importante no processo de construção de cisternas de placas, as famílias também se organizam para construir poços, cisternas, cacimbas de

⁴⁰ Entrevista concedida ao autor por José Bento Leite do Nascimento. Em 28 de junho de 2006.

⁴¹ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano – Petrópolis, RJ. Vozes, 1994. p. 91/933.

forma coletiva. Após o término de uma construção em mutirão o grupo se deslocava para a próxima família, iniciando uma nova construção. Os grupos eram formados por parentes, amigos que moram dentro das próprias comunidades. Esse processo contribui para que os filhos dos pequenos agricultores aprendam não apenas as táticas desenvolvidas no dia-dia, mas também a importância do trabalho coletivo, no sentido de melhorar as condições de vida no campo e, dessa forma, contribuir para a continuidade dos trabalhos desenvolvidos



Foto 8: Cisterna de placas na comunidade rural Livramento

por seus pais nas gerações futuras. Nesse sentido, as ações desenvolvidas pelas comunidades rurais têm dado um passo significativo no processo educativo nas comunidades rurais ⁴².

Após as construções, as famílias adotaram outras tecnologias simples e inovadoras que propiciaram melhores condições de vida na área rural. Através de iniciativas próprias ou com acompanhamento de técnicas do PATAC, os homens do campo iniciaram o processo de construção de barragens subterrâneas. As visitas de intercâmbio com outras comunidades beneficiadas proporcionaram trocas de saberes e experiências que deram subsídios para construção das barragens.



Foto 9: Barragem subterrânea na comunidade rural do Arruda

No início, as barragens subterrâneas foram pensadas para uma agricultura de subsistência e, por isso, a diversidade de cultura repercute na qualidade da alimentação de algumas famílias e na economia, uma vez que os produtos que os pequenos produtores produzem nas barragens são comprados na feira livre. As comunidades de Lagedo de

⁴² Ver documentário: Construindo cidadania no semi-árido brasileiro – Realização A.S.A.

Timbaúba, Barrocas, Floriano, Cachoeira de Arruda, Livramento e outras, mesmo em períodos de estiagem, lucram uma diversidade de gêneros alimentícios. É possível ver nessas localidades plantações de milho, jerimum, batata doce, feijão, melancia e outras. Entretanto, é importante destacar outras potencialidades de aproveitamento das barragens. Essas potencialidades estão acima das expectativas. Nesse sentido compreende-se que as barragens não se constitui apenas uma fonte de produção de alimentos para subsistência, mas também, proporciona a produção de forragens para alimentar os animais no período de estiagem.

No processo de construção de uma barragem os trabalhadores rurais utilizam várias táticas. De forma transversal, em mutirões, constroem-se uma vala dentro de um rio ou riacho temporário, com aproximadamente 90 cm de largura. No que diz respeito à profundidade, constata-se uma variação. Geralmente, a escavação é feita até onde não há



Foto 10: Sangradouro de barragem subterrânea.

permeabilidade do solo. Posteriormente a escavação da vala, coloca-se uma lona de plástico na lateral no sentido oposto do rio ou riacho. Após esse processo, a vala é preenchida com areia ou barro. É importante destacar que quando não se coloca a lona, a vala é preenchida com

barro batido extraído de “formigueiros”. Em ambas, é necessária a construção de um sangradouro com paredes de pedras ou tijolos entre uma margem e outra do rio (foto acima).

As primeiras barragens subterrâneas do município foram construídas aqui em Lagedo de Timbaúba (...) Uma lá em Tota, outra aqui na propriedade e lá em Aluizo (...) Depois da barragem melhorou muito a vida na nossa comunidade porque tudo que agente planta é lucro, até uma cabeça de alho (...) Na barragem se planta batata doce, jerimum, milho, feijão, melancia (...) Tudo isso ajuda na alimentação da família e na criação também (...) Antes agente tinha que

comprar na feira (...) Quem cria tem que plantar porque a forragem serve de alimento pros bichos (...) Na barrage também se planta capim gramão e o capim elefante (...) No inverno agente ensila tudo junto, a forragem mistura com outras plantas nativa como a maniçoba, o feijão gandu e outras plantas que não é de nossa região como a gliricídia e a leucena (...) junta tudo e môi na forrageira (...) Depois agente ensila⁴³.

Através da visitas em comunidades de outros municípios, os representantes comunitários adquirem novas experiências e saberes que contribuem para as famílias desenvolverem novas táticas para melhorar o sistema de criação animal. Preocupados com o meio ambiente natural, os homens do campo adotam práticas para o manejo da vegetação nativa e para a conservação do solo. Constatou-se em algumas áreas do município, os primeiros passos de reflorestamento. A plantação de árvores exóticas tem a finalidade não apenas de alimentar os animais, mas, também, diminuir a retirada de estacas da vegetação nativa para a cercamento das áreas.

No processo de manejo da caatinga, alguns agricultores utilizam práticas camadas de retelhamento, ou seja, a retirada de galhos secos das plantas nativas (jurema, juazeiro, aroeira, baraúna e outras), contribuindo para o crescimento rápido das plantas. Outra prática exercida pelo homem do campo, em algumas comunidades, é a arborização de áreas cercadas com plantas exóticas como gliricídia, a leucena e sabiá. Além disso, é possível encontrar plantas que os produtores rurais utilizam para misturar com água e dá banho nos animais para matar carrapatos. Em 2001 foram introduzidas no município cerca de 2000 mudas dessas espécies de plantas exóticas nas comunidades de Lagedo de Timbaúba, Arruda e Livramento.

É importante destacar na caatinga que existe uma planta considerada, pelos pequenos agricultores, tóxica – a maniçoba. Segundo o agricultor Antonio Bento, muitas famílias rurais evitam deixar esta planta nas propriedades uma vez que a mesma pode levar

⁴³ Entrevista concedida ao autor por Antonio Joaquim da Silva. Em 12 de abril de 2007.

à morte dos animais. Entretanto, a disponibilidade dessa planta e de outras forragens somadas com a palha de milho, feijão, etc, possibilita a construção de silos para armazenamento de forragem na época do inverno para alimentar os animais em período de estiagem. A criação e sustentabilidade dos animais em período de seca é uma questão de honra para o homem do campo. Através de reuniões em outros municípios os representantes dos produtores rurais vivenciam várias experiências que são compartilhadas com as famílias rurais no município. Uma das táticas desenvolvidas está relacionadas ao processo de construção de silos e silagem. Os representantes dos trabalhadores rurais por participarem de reuniões em outros municípios conhecem vários tipos de silos: o silo tatu ou trincheira, o silo nincho, o silo anel construídos com placas para construção de cisternas e o silo de pedras com formato diferente. Tanto no processo de construção dos silos como também na silagem, os trabalhadores rurais se organizam em mutirões.



Foto 11: Processo de ensilagem no silo Tatu ou Trincheira na comunidade rural do Arruda

No processo de construção dos silos, assim também como na construção das barragens subterrâneas, das cisternas de placas, as famílias rurais organizam grupos onde os agricultores, através de suas experiências e saberes empíricos, trocam idéias importantes para organização do trabalho. A partir dessas socializações os agricultores discutem o local adequado para as construções, o modelo e a capacidade de armazenamento de forragem. Em um silo modelo “tatu” ou trincheira, as famílias rurais, dependendo do tamanho, consegue armazenar de 7 a 8 toneladas forragem. Com essa capacidade de armazenamento é necessário uma escavação no solo com uma profundidade entre oitenta centímetros e um metro. Com aproximadamente três metros de largura e de seis a sete metros de comprimento.

Após o processo de escavação, coloca-se uma lona de plástico dentro do silo que posteriormente é armazenado o feno. Em seguida, cobre-se com o restante da mesma lona, parte superior do silo⁴⁴.

Para se criar é preciso plantar porque se não tem lucro, a palha do milho é aproveitada (...) Junta o milho, o capim com outras plantas nativa e mói tudo na farrageira e guarda no silo para quando for na seca dar de comer o gado, as ovelhas, as cabras (...) nas reuniões da Associação agente combina o local, o tamanho, tudo isso tem que saber (...) tem silo que cabe 6, 7 até 8 toneladas, depende⁴⁵.

Com essas táticas a vida dos trabalhadores do campo mudou nesses últimos anos. A criação de animais vem contribuindo para esse processo de mudança. Nos últimos dez anos, as famílias rurais vêm se mobilizando para transformar suas pequenas propriedades numa diversidade de produção que proporciona uma melhoria na renda familiar e no fortalecimento da segurança alimentar. Nesse sentido, constata-se que assim como em outras áreas do Sertão e do Cariri, no município vem aumentando o número de famílias que se dedicam à criação de animais.



Foto 12: Modelo de Cocheira – Invenção desenvolvida pelo homem do campo para

Diante da importância da criação de animais para as comunidades rurais, os representantes de associações comunitárias através de visitas de intercâmbio aprendem e compartilham novos saberes que possibilitam melhorar a criação. Ao retornar ao município, os representantes passam as experiências aprendidas para as famílias rurais, dando condições favoráveis para continuação dos trabalhos comunitários.

Foi a troca de experiência que foi despertano as comunidade pra trabalhar em grupo (...) a agricultura familiar começa

⁴⁴ Essas informações podem ser confirmadas nas comunidades de Lagêdo de Timbaúba e Arruda.

⁴⁵ Entrevista concedida ao autor por Aldo Fernandes da Costa. Em 19 de fevereiro de 2007.

*da galinha, depois a cabra, a ovelha, o boi (...) tudo é renda pro agricultô*⁴⁶.

A falta de cercas para criação de animais é um dos problemas enfrentados pelas comunidades rurais. Para solucionar este problema os agricultores constroem as chamadas “cercas vivas”. Algumas comunidades rurais plantam alguns cactos de crescimento rápido (xiquexique, mandacaru e algumas palmas de espinhos) que resulta no cercamento dos roçados, impedindo a entrada de animais (foto ao lado). Esse processo evita a derrubada de árvores da vegetação nativa para retirada de estacas e os gastos do homem do campo na compra de arames farpados.



Foto 13: Cerca viva construída pelos agricultores

*Antes as cercas tinha 8 fio de arame que o cabra comprava caro, sem poder (...) Hoje não precisa derrubar um pé de pranta para se fazer estaca, nem comprar arame (...) A cerca de xiquexique não passa nem galinha*⁴⁷.

Através de iniciativas próprias e os saberes empíricos os agricultores vêm desenvolvendo táticas em seu cotidiano que possibilitam melhores condições de vida no meio em que vivem. As construções de barreiras de pedras para segurar as “terras” ou arcias que se deslocam com as enxurradas proporciona a diminuição da erosão e facilitando a infiltração da água no solo. Com isso os “pequenos” produtores rurais aproveitam a umidade dessas áreas para plantação de vários tipos de capim, importante fonte de alimento para os animais.

Nessa perspectiva, constata-se que aos poucos as pessoas que vivem no meio rural vão tendo consciência de que para o homem viver é preciso preservar o meio ambiente. Por

⁴⁶ Entrevista concedida ao autor por Inácio Tota Marinho. Em 16 de abril de 2007.

⁴⁷ Entrevista concedida ao autor por Manoel Galdino Bezerra de Albuquerque. Em 14 de abril de 2007.

isso, os pequenos produtores rurais têm grande preocupação com o manejo da pastagem e o reflorestamento da vegetação nativa ⁴⁸.

A criação de animais tem contribuído para melhoria da qualidade de vida das famílias rurais no município. Em vista disso, as táticas, as experiências e os saberes adquiridos no dia-a-dia proporciona às famílias rurais se preocuparem em criar animais que têm maior facilidade de adaptação ao clima da região, resistindo ao período de estiagem.

Constatou-se que as experiências vivenciadas no cotidiano contribuem para melhorar as condições de vida no meio rural. Dessa forma, compreende-se que a inexistência dos saques não se explica apenas através das políticas governamentais de combate a fome como o Bolsa Família e outros, uma vez que nem todos os necessitados são beneficiados. No trabalho levantamos a hipótese de que além dos programas do governo, as experiências e as táticas desenvolvidas pelo próprio homem do campo contribuem não apenas para a inexistência “dos saques”, mas também para permanência das famílias rurais em suas terras. Isso se explica a partir de dois fatores básicos: Entre os anos de 1996 e 2000 houve uma estagnação da população rural ⁴⁹. O outro, diz respeito ao aumento de construção de casas nas áreas rurais. Dessa forma, é importante destacar que essas alternativas devem ser vistas como fatores que explicam a não recorrência a prática dos “saques” ao comércio local, medida extrema e desesperada a que recorreram os agricultores nos anos de 1983-1993.

⁴⁸ Ver documentário Criação de animal: a segurança da família no semi-árido.

⁴⁹ IBGE. Censo 1996 – 2000.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já citamos anteriormente, tivemos a preocupação de analisar os Movimentos dos “Saques” no município de Soledade-PB. O desenvolvimento de nossas pesquisas quando nos apropriamos de Thompson para explicar os “Saques” como uma forma de resistência popular assim como Michel de Certeau para explicar que o homem comum vem desenvolvendo táticas através de seus próprios conhecimentos empíricos que possibilitam melhorar as condições de vida em seu cotidiano.

Vários fatores contribuíram para a ocorrência dos saques, podemos destacar o descontentamento dos trabalhadores rurais com o Poder Público Municipal e os comerciantes, como também o atraso do pagamento da “emergência”.

Partindo desta perspectiva é importante enfatizar que o trabalho relacionado à pesquisa dos saques ainda está em andamento, portanto, pretendo posteriormente, de acordo com as possibilidades, dar continuidade.

Esse trabalho é uma contribuição para a historiografia local, uma vez que no município ainda não foi desenvolvido uma trabalho desta natureza.

Os autores citados neste trabalho são extremamente importantes para explicação desta temática. Nos dá subsídios para realização de estudos direcionados a História Social. Escreveram suas obras de forma abrangente, nos passando informações que permite entender os movimentos dos saques a partir de uma perspectiva política, econômica, valorizando as questões sociais e culturais. Além disso, nos permite pensar historicamente sobre os movimentos dos saques não apenas no município de Soledade-PB, mas também em outras Regiões da Paraíba e de outros Estados.

O texto nos dá subsídios para pensarmos melhor sobre a sociedade em que vivemos. Entender os saques e as experiências vivenciadas no cotidiano do campo com o uma forma de resistência e luta entre as classes subalternas.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Manoel Correia de. “O Nordeste e Contraste”. São Paulo: Contexto, 1991, p. 321.

CERTEAU, Michel de. “Fazer com: usos e táticas”. Trad. Ephraim Ferreira Alves – In. A Invenção do Cotidiano: As artes de fazer. 2 ed. – Petrópolis. RJ. Vozes, 1994. p. 91/93.

NEVES, Frederico de Castro. “A Multidão que se movimenta e a negociação” In. “A Multidão e a História”, p. 161/231.

PINTO, Irineu F. “Datas e Notas para História da Paraíba”. Vol. II, ed. 251.

RODRIGUES, Janete Lins. “Situando e Localizando o Estado da Paraíba”. João Pessoa: Grafset, 2002, p. 15.

RUDE, George. “Os Rostos na Multidão”. In “A multidão da História: Estudos dos Movimentos Populares na França e na Inglaterra”. 1730-1948 (tradução de Wallensir Dutra). Rio de Janeiro: Campus, 1991. p. 211/228.

THOMPSON, E. P. “A formação da classe operária inglesa” (árvore da liberdade) vol. I. Editora Paz e Terra. São Paulo, 1987, p. 81.

Diário da Borborema. Campina Grande-PB. 02 de outubro de 1983.

Diário da Borborema. “A fome e a miséria”. Campina Grande-PB. 14 de outubro de 1983.

Diário da Borborema. Campina Grande-PB. 19 de maio de 1987, p. 6.

Revista VEJA. “Previsão Acertada”. Janeiro de 1983.

_____ “Só as Verbas combatem as secas”. Maio de 1983.

ANEXOS



Foto 14: Plantação de milho perdida pela estiagem utilizada para alimentação de animais junto com outras plantas exóticas.



Foto 15: Pequeno produtor transportando palma forrageira - uma das fontes de alimento para os animais no período de estiagem.



Foto 16: Pequeno produtor rural mostrando a máquina forrageira.



Foto 17: Silo subterrâneo.



Foto 18: Drama de abastecimento de água no município em período de estiagem.



Foto 19: Transporte de rebanho para outras regiões em período de estiagem.

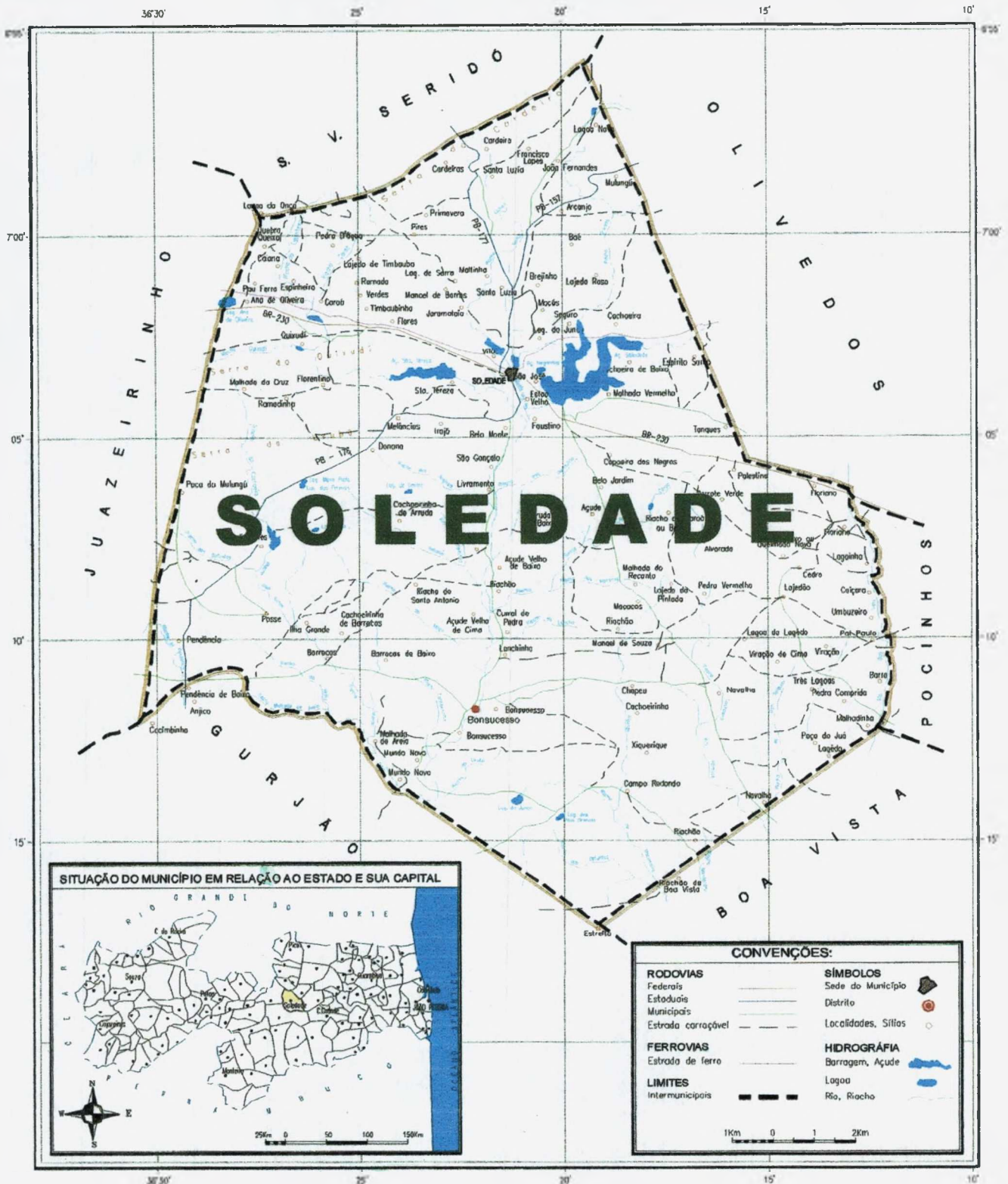


MAPA DO MUNICÍPIO DE SOLEDADE

Criado pela Lei N° 791 de 24 de Setembro de 1885

Área= 586 Km²

Zona Fisiográfica: Cariris Velhos



O SAQUE DA FEIRA

AMIGO EU VOU LHE CONTAR
UM FATO QUE OCORREU
EM JUNHO DE 93
SOLEDADE ENTRISTECEU
O POVO EM TODA CARREIRA
IA SAQUEAR A FEIRA
VEJA SÓ NO QUE SE DEU

VEIO GENTE DE TODO LADO
CORRENDO EM DISPARADA
A MAIORIA SEM FOME
E OUTROS DANDO RISADA
TINHA MATUTO ENCHIRIDO
DANDO UMA DE SABIDO
FOI UMA GRANDE JORNADA

EU QUE NUNCA TINHA VISTO
FOQUEI BASTANTE ASSUSTADO
O POVO TODO CORRENDO
EM PROCURA DO MERCADO
PEGANDO TUDO QUE TINHA
ATÉ SACOS DE FARINHA
FORAM LOGO SAQUEADOS

TINHA UM TAL CATINGUEIRA
COMANDANDO O ARRASTÃO
QUE LEVOU PRA SUA CASA
CARNE, BATATA E FEIJÃO
SORRINDO BATE NO PEITO
ELE FALA DESSE JEITO
VAMOS LÁ PRA TEREZÃO

TEREZÃO FOI AVISADO
PELO GAROTO MILTINHO
TOMOU SUA PROVIDENCIA
FECHANDO SEU MERCADINHO
ESSE DAÍ FOI ESPERTO
O POVO SAIU DE PERTO
SEM LEVAR NEM UM POUQUINHO

QUANDO CARVALHO CHEGOU
COM A SUA GUARNIÇÃO
CONSEGUIU AMENIZAR
A TRISTE SITUAÇÃO
O PRÉDIO FICOU VAZIO
O POVO TODO SEGUIU
PARA OUTRA DIREÇÃO

SAÍRAM TODOS CORRENDO
FAZENDO MUITA ANARQUIA
CHEGANDO LÁ EM SEU SILVA
MANOEL ROSENDO ERA O GUIA
OLHA PRA CAIMA DE LADO
O MERCADINHO TA FECHADO
VAMOS QUEBRAR MINHA “FIA”

O DELEGADO CHEGOU
POR TRÊS SOLDADOS SEGUIDO
UM DELES ATIROU PRA CIMA
PRA ACABAR O MOÍDO
EU VOU TE CONTAR MEU NEGO
ATÉ HOJE CORRE BEBO
COM MEDO DE SER FERIDO

QUANDO A POLÍCIA NOTOU
QUE O CASO ERA FATAL
LOGO SE COMUNICOU
COM ALGUÉM DA CAPITAL
FOI AÍ QUE ACABOU
QUANDO ELE LIBEROU
OS HOMENS DA BACURAU

AQUI VOU FINALIZANDO
O FATO JÁ FOI CONTADO
TEM NEGO QUE SE DEU BEM
TEM OUTROS PREJUDICADOS
ISSO SERVIU DE LIÇÃO
E QUEM FEZ O ARRASTÃO
FICOU UNS DIAS TRANCADO

(ZECA CORDEIRO)

O autor afirma que observou o saque que serviu de inspiração para escrever esta poesia.